



A hora do triunfo! Dias dos Santos, o magnífico corredor do F. C. do Porto levou até final a LINDA camisola amarela. Que alegria! Ei-lo, feliz, vitorioso, no momento emocionante do fim da «Volta» no Estádio do Lima. Os amigos e os entusiastas anónimos, mas dedicados e sinceros, rodeiam-no. Há flores e um sorriso de mulher...

Stadium

N.º 402 ★ 16 de Agosto de 1950 ★ 2\$50

A VOLTA A PORTUGAL

ETAPA POR ETAPA

(do nosso enviado especial)

14.ª ETAPA — FIGUEIRA DA FOZ-AVEIRO (199 k.ms)

VENCEDOR — Mário Fazzio (Sport.) em 6 h. 15 m. 01 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 203 h. 12 m. 13 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

Cortaram a meta de Aveiro, vinte e três corredores com o mesmo tempo do primeiro, o que quer dizer, não houve modificações na tabela, na parte respeitante àqueles que podem aspirar ao triunfo absoluto.

Houve alguns ataques, que merecem registo. Emílio Rodriguez, perto da ponte de Mucela, chegou a ter apreciável vantagem, mas não a pôde manter devido a tenaz perseguição dos homens do Benfica, Sporting e Barcelona. Langarica ensaiou também uma «fuga», mas José Martins e Augusto Correia, responderam de pronto e o pelotão tornou-se ainda mais compacto.

Passada que foi a serra do Bussaco, a prova teve animação e foi bem disputada, devido à acção da equipa do Benfica que atacou a fundo, depois de se ter apercebido que os terceiros componentes das formações do Académico e do Sporting, não estavam em condições de suportar um «passo» duro. Por sua vez, os homens do Sangalhos encheram-se de bríos para serem os primeiros na sua terra, mas um sportinguista e um benfiquista levaram a melhor.

Estas as principais notas de reportagem, numa etapa que se creditou em 31,838 Kms. de média.

A esperada modificação nas posições dos primeiros planos, ainda não se operou nesta tirada. A luta por equipas, é muito possível, se não certo, virá a ser um facto. Quando? Amanhã, depois? Para já, o Benfica, marcou presença e melhorou. As restantes não estão conformadas e aguardam um ensejo.

Dias Santos, um homem com estofo e fibra de verdadeiro campeão, continua no cimo da classificação, distanciado de António Maria, 24 segundos. Acreditamos que o perigo para o «camisola amarela» não advirá do valoroso rapaz do Campo de Ourique, mas sim de Fazzio, José Martins, ou ainda de Langarica.

Aguardemos o desbobinar deste filme sugestivo e repleto de cambiantes.

15.ª ETAPA — AVEIRO-VISEU (175 k, 400)

VENCEDOR — Dalmácio Langarica (Acad.) em 5 h. 53 m. 17 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 221 h. 00 m. 49 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

Como prevíamos o dia de hoje, modificou o panorama da classificação. O rapaz do Campo de

Ourique, cedeu o lugar ao italiano Mário Fazzio, que enverga a camisola do Sporting. Dias Santos, um atleta digno da maior admiração, ficou com um avanço de 18 segundos, apenas! José Martins, que não dera, ainda, mostras do que realmente pode, revelou-se, hoje, um sério candidato ao primeiro lugar, firmando-se no terceiro posto. António Maria foi relegado para sétimo.

A passagem por Agueda Fazzio e Langarica, atacaram com ânimo e como os adversários não respondessem, foram gradualmente aumentando a distância. Porém, Manolo Rodriguez, José Martins e Serra foram em sua procura e não viram frustradas as suas intenções, pois os alcançaram. Dos cinco, apenas os quatro primeiros cortaram a meta com o mesmo tempo, depois de prova brilhante. A média de 29,788 Kms. deve considerar-se apreciável, atendendo às dificuldades que o percurso apresentou.

De salientar a boa recuperação de Dias Santos, bem secundado pelos irmãos Sás, que lhe permitiu conservar a camisola. Em Fail, os fugitivos chegaram a ter 3 m. 50 s. de avanço e a distância que separava Dias Santos de Fazzio, à partida de Aveiro, cifrava-se em 3 m. 24 s.!

Por equipas, o Benfica e o Académico obrigaram o Sporting a recuar para o quarto lugar. O Futebol Clube do Porto, continua fixado em primeiro e supomos não ser fácil desalojá-lo.

Amanhã, vamos de longada até Braga, etapa longa e que causará desgaste em grande parte dos concorrentes ainda em prova, — quarenta.

Duvidamos que se verifiquem flutuações pronunciadas, nos primeiros lugares. A vigilância deve ser aturada. Resistirá o «camisola amarela» aos ataques que lhe venham a ser movidos? Sinceramente, acreditamos que sim.

16.ª ETAPA — VISEU-BRAGA (247 k, 800)

VENCEDOR — Joaquim Apolo (Loulé.), em 8 h. 38 m. 15 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 247 h. 53 m. 52 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

O algarvio Joaquim Apolo, foi o primeiro a cortar o risco branco da chegada, na cidade dos arcebispos. A média foi de 28,550 Kms. Tentou isolar-se antes de Felgueiras e como os «cases» não se interessassem, levou por diante o seu magnífico esforço e chegou em excelente vencedor, com um avanço de 12 m. 46 s., o que lhe permitiu melhorar a posição. Langarica, ganhou mais uma contagem para o prémio da montanha, podendo considerar-se vencedor, dada a grande diferença de pontuação que o separa de Manolo Rodriguez.

A poeira e o calor fizeram-se sentir durante grande parte do

percurso, afligindo seriamente os denodados estradistas. Por igual, as estradas de macadame, operaram desgaste.

Antes do ataque vitorioso do louletano Apolo, Carlos Dias, do Campo de Ourique, e João Rebelo, do Benfica, ensaiaram uma fuga. O pelotão ripostou com vigor e tudo se recompôs. Outra tentativa de José Martins, Alves Barbosa, Apolo, Pascual e Augusto Correia, gorou-se porque Dias Santos comandou a perseguição.

O duelo Fazzio-Dias Santos, limitou-se a uma atenção cuidada e recíproca, que pôde obviar à surpresa que andava no ar. O sportinguista, em certa altura perdeu contacto com o pelotão, mas Bermudez atrazou-se propositalmente para que o companheiro recolhasse. Ainda não foi desta que a camisola amarela mudou de possuidor. O guia da classificação tem dado provas, de sobejo, de que é digno de tão cobiçada distinção! Um verdadeiro atleta, um grande estradista!

Através das estradas e à passagem nas localidades, acentua-se dia a dia a sua popularidade, — galhardamente conseguida, diga-se em abono da verdade.

Por equipas, o Porto continua a comandar, seguido pelo Académico, Benfica e Sporting. A Volta a Portugal de 1950, está prestes a atingir o seu termo.

Faltam dois dias para que desça o pano.

17.ª ETAPA — BRAGA-V. DO CASTELO (142 k, 100)

VENCEDOR — Joaquim Pascual (Barc.), em 4 h. 43 m. 14 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 261 h. 46 m. 31 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

Mais um grande passo em frente para o final desta importante corrida, cupo total é superior a 2,800.000 metros. De Braga a Viana do Castelo, a princesa do Lima, nada se passou de notável, com vista ao motivo principal — desapossar o portuense do lugar privilegiado que vem ocupando... há tanto tempo. Langarica consolidou a posição destacada que tem no prémio da montanha, averbando mais 10 pontos. Manolo Rodriguez, hoje terceiro, deve ter assegurado o segundo lugar. Amanhã última contagem... que servirá para corroborar a grande superioridade demonstrada sobre os trepadores portugueses.

Por equipas mantêm-se estável a situação. O Porto vai na frente — e deve ser, ia a dizer, será o vencedor colectivo da Volta — seguido pelo Académico, Benfica, Sporting, Sangalhos, Campo de Ourique, Barcelona e Louletano.

Individualmente, a menos que um precalço sério afecte seriamente o guia da classificação,

este deverá chegar ao Estádio do Lima, como grande e justo triunfador. A tirada desta tarde, não deve resultar também. Os estradistas acusam fadiga, a vontade começa a ser menos forte e o esforço até agora generosamente despendido, está produzindo os seus efeitos.

Para não fugir ao hábito, registou-se mais uma «escapadela» dos atrazados, Joaquim Pascual, Manuel Palmeira e Oscar de Sousa, que cortaram a meta por esta ordem, com um minuto de avanço sobre os consagrados, com a média de 31,100 Kms. De lamentar a infelicidade de Simões Louro, que por se lhe ter partido a máquina não pôde acompanhar os seus camaradas da «fuga» que ele próprio iniciou.

Como os imprevistos anulam de forma impiedosa todo o esforço e vantagem adquirida, — atente-se no que vimos de referir quanto ao atleta do Sangalhos, — embora consideremos achado o vencedor, tudo pode suceder até ao último segundo.

Final, é na incerteza que reside o grande aliciante das competições!

18.ª ETAPA — VIANA DO CASTELO — VILA DO CONDE (76 k.ms)

VENCEDOR — Jaime Montaña (Barcel.), em 2 h. 8 m. 15 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 268 h. 13 m. 33 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias dos Santos (Porto).

Continua tudo na mesma. Esta curta etapa ficou assinalada por lamentáveis incidentes verificadas à chegada a Vila do Conde. Por deficiência da organização, os corredores enervaram-se e o resto, não interessa historiar. Não há bela, sem senão. Com a assistência de Joaquim Anacleto e o afastamento do «saigueirista» Martins Moreira, ordenada pelo júri depois de comprovada a atitude assumida para com Langarica, — agressão —, o número de concorrentes ficou reduzido a 38!

Logo à saída de Viana, devido a um «furo» de Luciano de Sá, a equipa do Académico, sob o comando de Langarica, aumentou a velocidade, mas o jovem estradista, após boa recuperação, conseguiu, antes de Barcelona, integrar-se no pelotão. José Martins e Jaime Montaña, à passagem por Fão, embalaram com vigor e distanciararam-se. Dias dos Santos, dirigiu a perseguição, à frente de doze homens, pro-

Série II — Ano VIII — N.º 402
Lisboa, 16 de Agosto de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1
Telefone: 3112 LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

curando não só frustrar o desejo dos dois mais adiantados, mas ainda, aumentar a diferença de tempo que o separa de Mário Fazio, que entretanto se atrasara. Os «leões», porém, reconhecendo o perigo, lançaram-se com denodo estrada fora, e Fazio, Mourão e Artur Lopes com bom sentido de entreajuda, conseguiram juntar-se aos outros, à entrada de Vila do Conde. Estes os factos que deram animação à corrida.

As ligeiras diferenças verificadas, foram ocasionadas pela confusão que se estabeleceu e de que já falámos.

Amanhã, a etapa Vila do Conde-Guimarães, contra-relógio por equipas, vai operar modificações. Dias Santos, assim o vaticinamos, firmar-se-á, mais nitidamente, como o vencedor de 1950!

19.ª ETAPA — VILADO CONDE-GUIMARÃES (52 k, 700)

VENCEDOR — Dias Santos (Porto), em 1 h. 16 m. 33 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 272 h. 03 m. 12 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

O «camisola amarela», como se previa foi o vencedor desta tirada, tendo aumentado a diferença que o separava de Fazio, para 1 m. 52 s., o que atesta, de forma exuberante, o brilhante comportamento dos seis homens do Futebol Clube do Porto, que entraram juntos na meta, tendo gasto no percurso 1 h. 16 m. 33 s., à média de 41, Km. 306! O italiano do Sporting, gastou 1 h. 18 m. 07 s.. A sua equipa entrou deslizada, tendo havido tempos diferentes para Mourão e Bermudez.

José Martins, que foi o décimo, baixou para quarto da classificação geral, trocando com o portuense Moreira de Sá. A formação do campeão nortenho, teve uma actuação brilhantíssima. Todos os seus homens conscientes da responsabilidade que sobre si impendia, colaboraram de forma perfeita, tendo Dias dos Santos, mais uma vez marcado a sua presença, impondo um andamento tal, que a velocidade subia sempre que era ele a comandar.

Os tempos dos restantes variavam, como era óbvio, mas não motivaram oscilações na classificação. Por equipas, mantêm-se as posições conquistadas, com o Louletano em último lugar, — longe do seu verdadeiro mérito.

Estarão defendidas as posições? Respondemos que sim. A tirada desta tarde, deve ser um passeio, em convívio fraterno, sob uma

trovoada de aplausos, até ao Lima.

Não é de admitir que se registem surpresas. Todos apresentam estar conformados com a sua sorte. Praticamente a Volta a Portugal terminou. Qualquer tentativa que venha a surgir, será contrariada, estamos certos. Que representam 65.000 metros, para os que já andaram 2.800.000?

20.ª ETAPA — GUIMARÃES-PORTO (65 k, 300)

VENCEDOR — Dalmácio Langarica (Acad.), em 2 h. 11 m. 17 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 278 h. 38 m. 21 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

A derradeira etapa, foi claramente de consagração ao Futebol Clube do Porto, pela sua vitória absoluta na competição magna do ciclismo. O entusiasmo atingiu o rubro. As bandeiras do Porto, eram sem dúvida, em número muito mais elevado do que os outros clubes. Dias Santos, o «herói» e os seus companheiros, foram saudados com delírio. A massa associativa do clube azul-branco e os nortenhos em geral, enrouqueceram de tanto gritar pelos seus ídolos.

Ganhou e de forma invulgarmente brilhante, Dias dos Santos, um português de classe firmada e adversário de excepional categoria, segundo o reconheceram os próprios estrangeiros. Venceu o Futebol Clube do Porto, a equipa mais homogênea, — como o demonstrou à chegada a Guimarães — composto única e exclusivamente por portugueses.

Os vencedores estão de parabéns e o desporto nacional também. A matéria prima portuguesa é boa, — isso ficou provado e de que forma...

O Benfica, Campo de Ourique e Louletano, também constituíram as suas equipas, só com portugueses. Classificaram-se em 3.º, 6.º e 8.º lugares. O Académico, com dois espanhóis e um português, ficou em 2.º. O Sporting, com dois estrangeiros e um português, teve que se contentar com um 4.º posto e o Sangalhos, em igualdade de circunstâncias, logo a seguir aos «leões». Em 7.º ficou a equipa do Barcelona.

Tal qual como por equipas, individualmente também dois portugueses se postaram nos lugares de honra, ambos por sinal do clube da Constituição.

Aguardemos a XVI Volta a Portugal em bicicleta.

TAVARES DA SILVA

A VOLTA TERMINOU EM APOTEOSE

Entusiasmo delirante desde Guimarães até ao Estádio do Lima — Nomes e números que ficam

A XV Volta a Portugal, em bicicleta, acabou no passado domingo.

O Estádio do Lima, mar imenso de aficionados, foi quadro condigno para o final de tão emocionante acontecimento, se bem que possa considerar-se de triunfal e apoteótica a etapa que ligou a cidade do fundador da nacionalidade com a capital do Norte! Ao longo dos sessenta e cinco quilómetros do percurso, dezenas e dezenas de milhares de almas (cerca de 150 mil) aplaudiram, incitaram sem cessar os magníficos campeões da estrada, rodeando-os de uma atmosfera de carinho desbordante, que os sensibilizou ao máximo.

Sem dúvida que os homens do Norte, receberam as ovações impregnadas de maior vivacidade e calor, mas todos, desde o primeiro ao último, foram justamente festejados. E assim o bom povo desta nossa amada terra: fidalgo, hospitaleiro, acolhedor, sensitivo, generoso e bom.

No Estádio do Académico, o interesse pelo desfecho transcendia o habitual das grandes competições. Quem pisará em primeiro lugar, o risco branco que assinala a chegada e o termo desta longa prova de 2.860.500 quilómetros? Um português ou um estrangeiro? Um corredor do Sul ou do Norte?

Se pudéssemos inquirir do desejo de cada um, afirmamos sem relutância que a resposta seria quase unânime: um português. O tempo foi-se consumindo e, de quando em vez, o bulleto dava lugar, primeiro a um profundo silêncio para escutar as notícias comunicadas pelos alto-falantes e, depois, as demonstrações efusivas de contentamento, numa exteriorização eloquente de interesse, de impaciência, de curiosidade...

Até que enfim. Entra na pista o primeiro homem. Enverga a camisola do Académico, um clube do Porto, mas... não é português. Dalmácio Langarica, o «rei da montanha», soube aproveitar bem a notória despreocupação de Dias dos Santos e Mário Fazio, que pedalavam lado a lado, em fraterna camaradagem, para embalar irresistivelmente nas barbeiras das Águas Santas e entrar no Estádio, com uns escassos 26 segundos de avanço.

Há sintomas de desilusão... passageira. Também não percebemos bem, qual foi o intuito de Langarica em «fugir» ao pelotão... Acharíamos natural, sim, que uma vez firmadas e consolidadas as posições, após o contralógio, se limitasse a acomodar os seus camaradas, entrando com eles, para receber em conjunto os aplausos frenéticos que a multidão fidalgamente soube dispensar a estes ídolos da pista e da estrada...

Depois, com a entrada do pelotão composto por 20 corredores,

no qual se encontravam os «ases», foi o delírio! Havia lágrimas em muitos olhos, lenços a esvoçar... Amigos e conhecidos abraçavam-se. Os aplausos eram cada vez mais fortes, mais demorados... Os últimos, receberam por igual, aclamações ruidosas, sinceras...

Dias dos Santos, o brilhantíssimo vencedor, escutou significativa aclamação, enquanto dava a volta de honra à pista. Mas os seus portentosos companheiros, também foram ovacionados com frenesi. Bem erguidas, magestosas, imponentes, viam-se inúmeras bandeiras do Futebol Clube do Porto, o vencedor individual e colectivo desta XV Volta a Portugal!

Este espectáculo não esquecerá mais. É daqueles que fica indelevelmente gravado no mais recôndito da nossa alma!

Partiram 67 estradistas e chegaram 38, o que prova a grande dureza desta Volta. Mesmo para aqueles que viram goradas as suas aspirações, vai a nossa viva simpatia.

As equipas classificaram-se por esta ordem: Futebol Clube do Porto, Académico, Benfica, Sporting, Sangalhos, Campo de Ourique, Louletano e Barcelona, com as seguintes diferenças, respectivamente: 54 m. 39 s.; 1 h. 4 m. 37 s.; 1 h. 17 m. 16 s.; 1 h. 35 m. 25 s.; 3 h. 13 m. 39 s.; 4 h. 41 m. 41 s. e 5 h. 19 m. 46 s. Superioridade clara, nítida, evidente, dos portuenses, triunfadores brilhantíssimos com 278 h. 38 m. 21 s.

Individualmente, o vencedor Dias Santos, ganhou de forma indiscutível, tendo percorrido 2.691 quilómetros com a camisola amarela! Vestiu-a em Chaves e não mais a despiu. A seguir classificaram-se: Fazio (Sport), Moreira de Sá (Porto), José Martins (Benf.), José Serra (Acad.), Langarica (Acad.), Luciano Sá (Porto), Manoel Rodriguez (Sang.), Júlio Mourão (Sport), Emilio Rodriguez (Sang.), António Maria (CACO), Joaquim Pascual (Barc.), Joaquim Sá (Porto), Manuel Palmeira (Benf.). Estes os quinze primeiros, que receberam prémios pecuniários. O último foi Albano Coelho, do C. O., que ficou a 6 h. 26 m. 35 s. do vencedor, que gastou 92 h. 46 m. 32 s. Langarica, ganhou o prémio da montanha, com merecimento, demonstrando superioridade absoluta sobre os restantes.

A média desta Volta, cifrou-se em 31,084 Kms. António Dias dos Santos, colocou-se a par de Nicolau, Trindade, José Albuquerque (Faisca) e José Martins, com duas vitórias na maior prova ciclista portuguesa. Foi o 3.º a registar duas vitórias consecutivas.

Excelente a organização do nosso estimado colega «Diário do Norte», que merece parabéns.

Quem triunfará na XVI Volta a Portugal?

DINÂMICA



A bicicleta que deve preferir, pois é equipada com materiais dos melhores fabricantes do MUNDO, rigorosamente seleccionados, podendo classificar-se como a melhor que actualmente circula nas estradas do nosso lindo PORTUGAL.

Se o seu fornecedor não tiver, dirija-se ao distribuidor geral

A. CUNHA MARTINS

Telefone 2532

VISEU

E A VOLTA CONTINUOU...

A Volta continuou. Após o descanso merecidíssimo na Figueira da Foz, — uma das praias mais bonitas do nosso encantador país, os denodados campeões lusíadas, suportando com coragem indômita, as inúmeras dificuldades que momento a momento se lhes deparavam.

Fazendo alarde de um destemor digno de realce, alheios ao perigo que os espreitava a cada instante, foram devorando quilómetros e quilómetros, ora vencendo uma íngreme ladeira ora lançando-se, doidamente por uma descida longa em que precipícios de ambos os lados pareciam monstros de fauces hiantes, aguardando pacientemente uma vítima.

Nada os detinha. Com pujante virilidade foram seguindo, estradas fora, impondo de forma notória e inequívoca, as virtudes excelentes do desporto, escola de civismo que tempera o ânimo e modifica para melhor o carácter, limando defeitos natos e criando qualidades intrínsecas de sólida moral.

As gentes de Portugal, souberam compreender o magnânimo espirito de sacrificio demonstrado por estes gigantes, não se poupando a canseiras, também, para se apinharem ao longo das estradas, aplaudindo com veemência, incitando com convicção, numa prova exuberante de respeito por aqueles que lhe proporcionaram um espectáculo magnífico, pleno de emoção e vibratibilidade!

Hoje, amanhã, sempre, os ciclistas darão uma vida nova às vias de acesso do nosso Portugal, como mensageiros queridos e bem-vindos em todos os recantos aonde pulsem corações portugueses. Desde o primeiro ao último que cortou a meta final do Estádio do Lima, são devidos louvores, sinceros parabéns!

Findou esta Volta. Aguardemos, confiantes, a nova Volta a Portugal.

P. C.



A estrada é enorme e por vezes nem viv' alma, mas o entusiasmo da Volta chega a todos os caminhos como por encanto, aparecem grupos de entusiastas. É um incentivo e os corredores puzam mais.



A «Volta» apaizona! Uma vista de olhos sobre os corredores vale ouro! Assim o compreendeu este pequeno doente. Os seus males rolaram por momentos no esquecimento. E eles, os gigantes da estrada, olharam-no com simpatia.



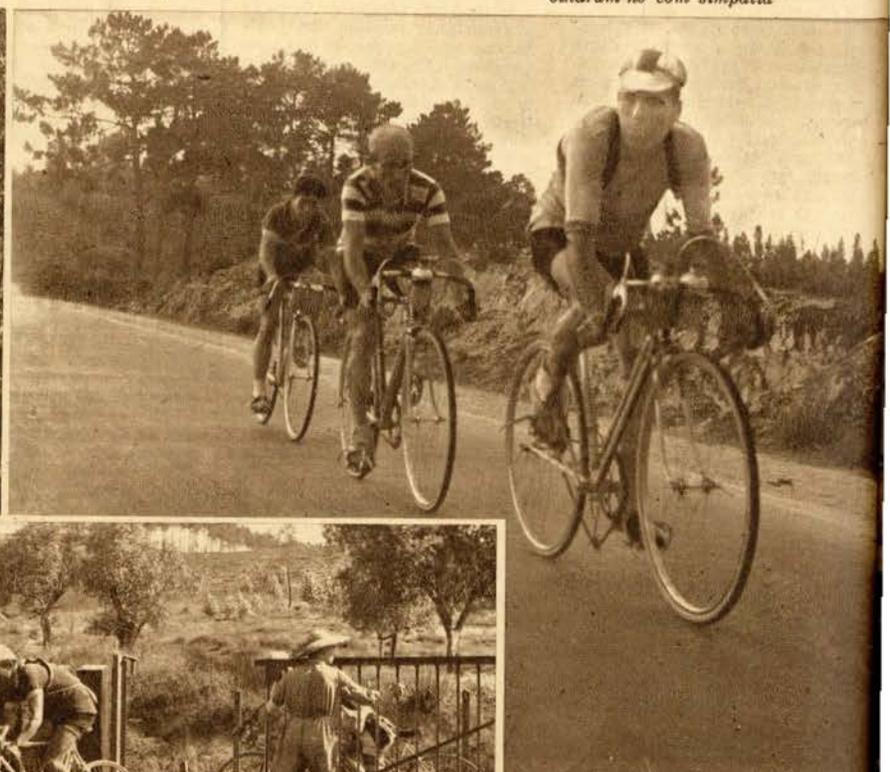
Depois de um dia de repouso na Figueira os homens da Volta lançam-se a caminho de Aveiro... mas a sombra acolhedora do arvoredado acompanha-os



Vamos para Aveiro! Eis um fragmento do pelotão. Lá vai o António Maria e vê-se também o José Martins



— Vem aí o comboio! A passagem de nível está fechada. Mas não há tempo a perder. E são até as reparigas simpáticas dos arredores.



— Ena que avanço! O pelotão rolou vertiginosamente, mas eles, com genica e entusiasmo, lá aparecerão na meta de ch...

MÁRIO FAZZIO

O "grande" estradista italiano do Sporting, afirmou que a Volta foi difícil e vaticinou a vitória de Dias dos Santos



Os corredores atravessam Coimbra em bom andamento e por entre filas de povo



REUNIDOS à nossa beira o dirigente do Sporting Armando Rodrigues, o director da conhecida marca de bicicletas «Bottecchia» que está dirigindo a equipa leonina e Mário Fazio, o melhor dos «leões» e estradista de fama e justo mérito falou-se, como era natural, da Volta e dos seus participantes.

— Há quantos anos corro? — respondeu. Umm? Há 15. Devo esclarecer que nasci na Sicília e que na minha terra devido à circunstância de ser muito montanhosa, o ciclismo não pode ser praticado com entusiasmo. Não represento nem representei jamais qualquer clube, mas sim marcas ou fábricas de bicicletas, aliás como é próprio no meu país e nas demais nações. É necessário preparar bons corredores para que surjam excelentes máquinas. Este o princípio básico e fundamental.

— Portanto...

— Pertencço à casa Bottecchia que também é a proprietária da marca «Stucki». A produção de máquinas, mensalmente, anda à volta de 400, empregando 1.000 operários! Cada uma destas fábricas mantém uma equipa de 10 profissionais. Representam a Bottecchia: Serofina, Biagioni, Mário Fazio, Alfio Fazio, Girovanni Roma, Giacomo Zampieri, Luciano Cremonesi, Vittorio Magni, Vittorio Jacobi e a Stucki: Julio Bresci, Alfredo Passotti, Renzo Seroti, Marcello Paolieri, Italo Dezon, Domenico Dezon, Enzo, Nordini, Armando Panro. Além destes, ainda há mais 20 ciclistas amadores, muitíssimo bem pagos e com bicicletas e material fornecido pelas fábricas.

Depois de uns instantes de silêncio, exclamou:

— Conheço bem o meio velódromo. Já corri na França, Bélgica, Suíça e Portugal, além de Itália, claro.

— As suas impressões do nosso meio?

— Gosto do vosso belo país. Se não me sentisse bem, não continuaria entre vós, embora os estrangeiros não sejam muito acarinados... O ciclismo em Portugal não pode progredir, como seria legítimo, por não ter casas de bicicletas. Falta a concorrência... A rivalidade clubista não chega para o fim pretendido. Dos portugueses, destaco Fernando Moreira e Dias Santos que bem treinados e com condições propícias para aperfeiçoamento constante, fariam boa figura lá fora. Além destes... poucos mais.

— Acha difícil a Volta? — indagámos.

— Sim. É muito «bruta». Em França e na Itália, há muitos corredores que se revezam no «comando» e daí o poder correr-se em condições. Em Portugal, como só quatro ou cinco o fazem, a prova torna-se difícil. Acresce ainda a circunstância de que cada português, regra geral, trabalha para si, apenas, não se preocupando com a equipa. Lá fora cada corredor forte tem um

Coimbra acolheu os corredores da «Volta a Portugal» com grande entusiasmo. E pôde apreciar, quase um por um, os campeões da estrada, visto que na cidade dos doutores os ciclistas passaram em pelotão vagaroso



— Ah! o benfazejo dia de descanso. Os corredores sonhavam já com aquele dia tranquilo na Figueira da Foz, líbertos do sol, da poeira, da estrada e da luta de campeões.

E o dia decorreu em sossego, tratando-se mazelas, cuidando-se das máquinas, descanso enfim, o corpo estirado, os músculos em repouso e uns momentos de conversa entre uns goles de bebida fresca.



(Continua na pág. 15)

ATLETISMO

BOM CONJUNTO de resultados nos Nacionais

O Sporting conquistou todos os Campeonatos da temporada

TIVERAM interesse, tiveram até certo brilhantismo, estes Nacionais que, muito acertadamente, a Federação levava para o Porto: era o prémio a uma época de intenso e progressivo labor do organismo regional, pesado sacrifício para os clubes lisboetas — que em parte pôde ser compensado pela colaboração da Direcção Geral dos Desportos — mas necessário incentivo aos interesses da modalidade, considerada no seu plano nacional. Mas trouxeram também estes campeonatos alguns ensinamentos que é necessário pôr em foco e cuja lição — agora — não poderá esquecer para futuro.

Em primeiro lugar reconheça-se com máguia que, nem o público, nem os clubes portuenses, corresponderam aos propósitos dos organizadores. No sábado a assistência foi fraquíssima e a entidade encarregada da organização falhou em pormenores elementares; a concorrência de atletas portuenses foi escassíssima (em dez provas, no sábado, 14 presenças, ao todo) e isto é a negação das vantagens que da competição podiam advir.

Disputavam-se, há oito dias, os regionais do Porto; os seus vencedores e classificados, sem considerações de valor relativo, eram os legítimos representantes da região e tinham a obrigação, por noção própria do dever e para patentear apreço pelos camaradas de longe e com sacrifício se deslocavam para os visitar, de comparecer na máxima força e demonstrar assim, pelo seu interesse, o direito que ao Porto assistia de requerer para si este Campeonato. Falharam na sua missão e criaram, para futuro, situação melindrosa por quebra de força moral para afirmar direitos.

Outra indicação fornecida pelo torneio foi a inconveniência técnica e material da existência de uma classificação colectiva; cada vez mais se confirma em nosso espírito a necessidade de dissociar as duas classificações: uns nacionais especializados, puramente individuais e um torneio nacional por equipas para atribuição do título colectivo.

O regime actual obriga os clubes que se deslocam a uma sobrecarga onerosa, incluindo na sua representação homens que vão apenas para ganhar pontos; e cria situações paradoxais e perigosas, como essas de termos visto Alcide a correr os 400 m. barreiras e Filipe Luís participar na prova de obstáculos depois de ter alinhado na légua uma hora antes.

Os resultados de algumas provas foram quase incríveis, como, por exemplo, o triplo-salto, onde Alcide foi eliminado por não marcar nenhuma das suas três tentativas; ou inquietantes, como a dupla derrota de Paquete nos 100 e 200 metros, em vésperas de partida para Bruxelas. No geral, porém, ficaram em bom nível nacional, prejudicados os saltos e

lançamentos pelo mau estado dos respectivos locais; a instalação simultânea para saltos à vara e em altura é incompatível e criou sérios embaraços aos concorrentes da segunda destas provas.

Rui Maia, ganhando os 100 m. em 10,8 s. e os 200 m. em 22,7 s., averbou proeza de valor; tem um final de prova poderosíssimo, muito mais veloz do que no início e se consegue corrigir esta relutância à aceleração inicial igualará os nossos melhores velocistas de sempre.

Paquete, ou por que se poupou, ou porque a coxa lesada se recusa ao esforço, desiludiu; nos 100 metros, trazia um metro de avanço a meia prova e foi batido por Maia. Eleutério, brioso como sempre, defendeu-se com coragem e mereceu ser citado.

A vitória de Casimiro nos 400 m., em 50,6 s., o melhor tempo da época, consagra-o como o corredor do futuro, com vistas ao recorde; boa passada e perfeito ritmo. Artur Dias, que lutou com a costumada energia até sentir a inutilidade do esforço, não soube procurar até à meta o melhor resultado; é o homem do passado, embora ainda actualmente no primeiro plano nacional.

Joaquim Branco, vencedor dos 800 m. em 2 m. 0,3 s. e dos 1500 m. em 4 m. 6,6 s., novo recorde nacional, mostrou-se, pela forma, pelo estilo e pela tática o melhor dos portugueses; é esta a especialidade em que os corredores nacionais valem menos, internacionalmente confrontados. Alves da Silva corre cada vez com menos cabeça e os restantes... são restantes.

As vitórias de Filipe Luís nos 5000 e 10000 m. em 15 m. 45,2 s. e em 33 m. 0,6 s., o seu melhor tempo, foram brilhantes e, se lhes juntarmos o segundo lugar que arrancou, num alarde impressionante de energia, na corrida de obstáculos, permitem-nos afirmar que foi uma das maiores figuras destes campeonatos. Bravo, Filipe Luís!

Fernando Carvalho, com passada harmoniosa e fácil, foi excelente segundo das duas vezes; se este rapaz pudesse treinar convenientemente, que grande corredor de fundo seria.

Alcide ganhou os 110 m. barreiras em 15,5 s. e Matos Fernandes os 400 m. em 55,9 s., um dos seus melhores resultados. Dois grandes especialistas, que Durão e Natal secundaram valorosamente.

Nos quatro saltos apenas um bom conjunto de resultados com a vara: Montalvão, 3^m,60, novo recorde do Norte; Costa e Álvaro Dias, 3^m,45 e o sempre jovem Martins Vieira — que notável exemplo — 3^m,30. De todos, apenas Carlos Costa possui estilo para progredir muito; Montalvão, cheio de qualidades, salta infelizmente com todos os mesmos defeitos de sempre. Até onde subiria este saltador se quizesse

aprender os rudimentos técnicos da sua especialidade?

Álvaro Dias ganhou o comprimento com modestos — para ele — 7^m, 195; Noronha Feio, a altura com 1^m,75 e João Vieira o triplo com 13^m,865. Estas três provas sofreram do péssimo estado do solo, impróprio para provas desta importância.

Luís Alcide foi eliminado no triplo por ter pisado a marca nas três tentativas, Seródio Gomes transpôs dificilmente 1^m,75 e o número de ensaios nulos no comprimento foi impressionante.

Manuel da Silva, dentro da sua média, venceu três lançamentos (peso, 13^m,255; disco, 40^m,08 e martelo 39^m,06) e Muralha foi primeiro no dardo com modestos 48^m,70.

Os círculos de lançamento também tinham o solo em bastante mau estado; os lançadores de martelo, sobretudo, viram-se e desejaram-se para conservar o equilíbrio.

A citar: Eduardo Cunha, no peso, com 11^m,99; Albuquerque no martelo, com 37^m,91 e José Luís no disco com 36^m,18.

O Sporting ganhou mais este torneio, o que lhe completa a colecção da temporada de pista; pelas nossas contas, que diferem das oficialmente anunciadas, somou 190 p.; contra 157 p. do Benfica e 75 dos restantes concorrentes somados.

Os títulos das vinte provas dividiram-se: Sporting, 10; Benfica, 6, entre eles os das duas estafetas, igualando o mínimo nacional dos 4 x 100 m. em 43,7 s.; Belenenses, 2; Vigorosa e Colégio Militar, 1 cada.

SALAZAR CARREIRA

Augusto Silva

é o novo treinador de
"Os Belenenses"



COMEÇARAM os treinos com vista à nova temporada. A preparação e orientação dos quadros de futebol do clube da Cruz de Cristo foram entregues ao inesquecível «olímpico» de Amesterdão, o homem que deu a vitória a Portugal no jogo com a Jugoslávia. Saudamo-lo com um abraço de amizade, augurando-lhe muitas felicidades no desempenho de tão difícil e ingrato cargo.

Assinem a
"STADIUM"



EFFECTUE OS SEUS SEGUROS NA

ATLAS

COMPANHIA DE SEGUROS

S. A. R. L.
FUNDADA EM 1918

Seguros de Vida ★ Incêndio ★ Automóveis
Acidentes Pessoais ★ Agrícolas ★ Marítimos
Transportes Terrestres ★ Aéreos ★ Postais
Cristais ★ Roubo, etc.

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1499 Esc. 19.854.799,17

Agências em todo o País

Sede	Delegação
Rua Augusta, 27	Rua do Alameda, 10
Rua da Belesga, 57	LISBOA
	PORTO

A LIÇÃO DE SESIMBRA

O cenário encantador da baía de Sesimbra, com suas águas transparentes, voltou a disputar-se, no penúltimo domingo, mais uma Travessia organizada pelo Clube Naval da risonha vila piscatória, tal como as três anteriores, com a estreita colaboração da Federação Portuguesa de Natação.

O acontecimento — que o foi, em toda a acepção do termo — encerra proveitosa lição que nunca é demais colocar no devido relevo. Demonstra cabalmente onde pode chegar o esforço de uma colectividade modesta, onde pode chegar a vontade inquebrantável dos seus dirigentes, numa ânsia a todos os títulos louvável de realizar obra útil, prestando os melhores serviços, quer à natação, quer à localidade, que tem no Clube Naval o seu melhor cartaz de propaganda desportiva.

A quarta edição da Travessia de Sesimbra em nada desmereceu das anteriores. E acentue-se — dado que é de inteira justiça fazê-lo — todo o escrupuloso cuidado posto na difícil organização da importante prova. Tudo foi pensado, estudado e previsto. E tudo resultou impecável. Portanto, primeira ilação a tirar: a da organização — exemplar a todos os títulos.

No ponto de vista de competição, impõe-se anotar, e sublinhar tal como merece, o exce-

lente triunfo de Fernando Madeira — o nadador do ano. De facto, à queda de vários recordes, à sua brilhantíssima vitória na Travessia do Tejo, juntou-se, agora, mais esta proeza notável. Fernando Madeira é bem o homem do momento, não sendo nunca demais enaltecer o que os seus feitos representam como contributo para o progresso da natação lusitana.

Por outro lado — e eis aqui outro aspecto a focar — faz realmente pena que outras localidades não sigam o belo exemplo de Sesimbra. Faz pena, por exemplo, que Setúbal, com seu Sado maravilhoso e uma esplêndida doca de recreio, não seja um centro natatório. Que Aveiro não leve a efeito, num dos seus canais venezianos, uma prova anual inter-clubes — e por que não, até, com carácter intercidades? — que poderia constituir óptima jornada de propaganda. E quem diz Setúbal, Aveiro — simples exemplos que afloram do bico da pena — diz Viana, a princesa do Lima, que esqueceu a natação, diz Faro, onde a semente há anos lançada, infelizmente não frutificou.

Aproveite-se a lição de Sesimbra. Se outras terras lhe seguirem o exemplo, a natação ganhará, em profundidade, a expansão que precisa e merece.

ABREU TORRES

ESCOLA DE MOTORISTAS
“António da Escola”

A maior organização do País

dirigida superiormente “António Gabriel Jerónimo”
pelo seu proprietário
(com a assistência técnica do Eng. SETTE PIMENTA)

SÊDE:
R. António Maria Baptista, 24
LISBOA
Telefone 42529

SUCURSAIS:
Évora — Trav. do Sertório, 26
=
MONTEMOR-O-NOVO
P. da República (Auto-Rádio)



Oficina e Estação de Serviço — Rua Borges Gaiñha, 15 — Telefone 44715
(à Rua da Penha de França)

Volta a Portugal em bicicleta

“VIMER”

O MOTOR AUXILIAR DE BICICLETA MAIS COMPLETO

Suave, potente, económico, adaptável a todas as bicicletas. Chegou nova remessa: pedidos à **GARAGEM CENTRAL L. DA**
Largo da Anunciada, 17 — Telef. 27634 — LISBOA

DESORIENTAÇÃO

A resolução de certos problemas nunca deve ser tomada — quando eles se apresentam contrários ao nosso próprio desejo — sem demorada reflexão que permita apreciar as consequências do primeiro impulso, quase sempre aquele que não convem.

Aos dirigentes dos organismos desportivos, com responsabilidades colectivas, esta precipitação, que traduz afinal espíritos desorientados, pode levar a lamentáveis consequências.

Vêm estas palavras a propósito da atitude tomada pela Associação do Porto de Voleibol em relação ao próximo campeonato nacional, a disputar na Madeira e que sinceramente deploramos pelo imerecido prejuízo que vem trazer aos clubes nortenhos qualificados para a prova.

No regulamento que elaborou e sobre o qual pediu uma inútil e contra-indicada opinião às Associações filiadas (por procedimento semelhante se correu este ano o risco de não haver Nacional de Andebol), a Federação considerando apurados para a fase final da prova, a que se

realiza no Funchal, os dois clubes melhor classificados na eliminatória continental; o organismo portuense exigiu a deslocação dos campeões regionais, com prejuízo dos outros grupos qualificados e, como não lhe foi feita a vontade, amou e não inscreveu os seus representantes.

Que lucrou com a solução, perguntamos? Se as suas equipas lhe mereciam a confiança de um valor que argumentou, porque as não trouxe à competição, para que demonstrassem a sua superioridade? Este seria o único critério verdadeiramente desportivo.

A viagem à Madeira não é um prémio aos que venceram campeonatos; é a consagração dos realmente melhores, sejam eles quais forem e de Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal ou Portalegre.

Nas competições desportivas é sempre preferível o concurso por provas directas ao concurso documental.

Entristece-nos, sinceramente, a deserção portuense, cujos clubes, há um ano, tanto brilho deram ao campeonato.

JOSÉ DE EÇA

DA CRÍTICA

À VERDADE DOS FACTOS

OS comentários da imprensa diária e desportiva ao «match» ibérico de atletismo, foram frequentes as críticas à Federação por haver utilizado para a segunda jornada a pista do Estádio Nacional. Entendem os ilustres camaradas Ricardo Ornelas e Alberto Freitas, que se deveria ter conseguido o acordo com a organização da Volta para festival comum no Estádio Alvalade ou, em último caso, realizar as provas pela manhã ou ainda, no parecer do segundo citado, recorrer à pista das Salésias.

Porque estas censuras, tal como foram redigidas, podem deixar a impressão de incuria da parte dos organismos nacionais responsáveis, parece-nos indispensável divulgar a verdade, que muito estranhámos não seja conhecida por Alberto Freitas.

Quando esteve em Lisboa o dr. José Petinto, acompanhando a equipa de Madrid, ouvimo-lo declarar categoricamente ao presidente da nossa federação que a entidade espanhola não aceitará a inclusão do encontro internacional de atletismo num programa comum com uma prova ciclista em que participavam profissionais. E porque a doutrina é regulamentar houve que aceitá-la. Procurou-se conseguir dos espanhóis uma transferência de data, em vão; por interfe-

rência superior tentou-se também andar com a Volta oito dias para diante mas, apesar de toda a boa vontade, foi impossível.

Posta de parte a hipótese de união das duas manifestações desportivas, vejamos por que motivo não eram viáveis as duas soluções aventadas: a segunda jornada na manhã de domingo era inviável, para o que basta pensar que, tendo competido no sábado à tarde, os atletas careciam de vinte e quatro horas de repouso; a pista das Salésias, em que se chegou a pensar, carecia de importantes beneficiações — o que era o menos — mas não possui locais para o salto em altura com as dimensões mínimas internacionais e recorda-nos que em 1946 os dirigentes espanhóis reclamaram contra o hemisfério do Lumiar (bem maior do que o das Salésias) porque lhe faltavam escassos metros.

A Federação, sabendo que se prejudicava e que prejudicava os resultados do torneio, pois a pista do Estádio Nacional, acabada de reparar, não podia oferecer garantias, optou pela «única» solução do problema.

E quanto a proibir a chegada da Volta no Lumiar, para ali realizar o Portugal-Espanha, seria um abuso de autoridade impossível de cometer.

SALAZAR CARREIRA

CASA GIRÃO TELEFONE: 20718

FUNDADA EM 1889 **V I S E U**

A. GIRÃO GUIMARAES, SUC.

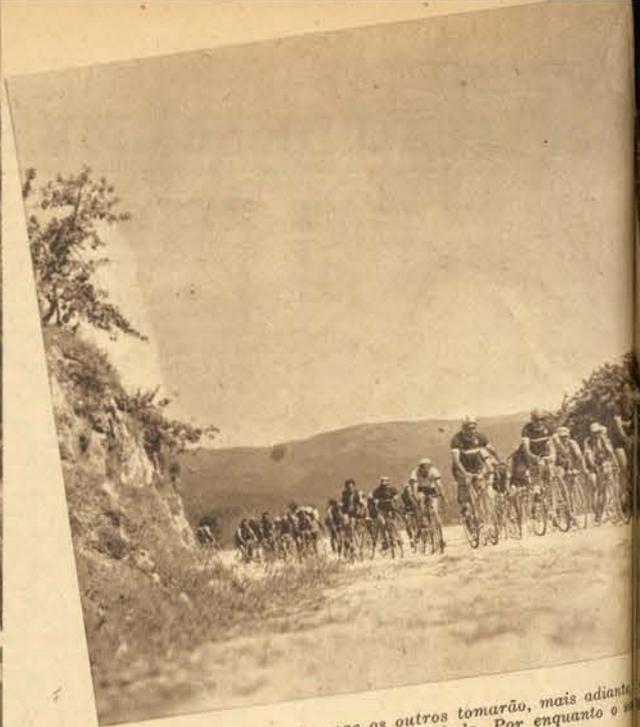
ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS
— SEDAS, LÃS, ALGODÃO E MIUDEZAS —

Proprietário-Gerente
José Mendes Girão

— Rua Formosa —
— Rua do Comércio —



A «Volta» estava prestes a terminar. Fazio firmara-se em 2.º lugar. O «camisola amarela» precisava de ter muito cuidado... Repare-se que o italiano, do Sporting, vai enquadrado por Dias Santos e Moreira de Sá. Assim não era fácil...



O Benfica comanda, mas os outros tomarão, mais adiante, a beça, em bom sentido de entreajuda. Por enquanto o silêncio e a calma imperam...



Dias dos Santos, que igualou o recorde de Trindade e José Martins, vencendo duas vezes consecutivas a «Volta», vai anunciar uma «fuga». Repare-se na máscara do campeão... bem reveladora do esforço empregado.



Um pelotão de 20 unidades, sob o comando de Império dos Santos, aproveita a sombra convidativa do arvoredo para moderar o andamento.



1

TERMINOU A XV VOLTA A PORTUGAL, MAIS DURA E DIFÍCIL DE TODAS. PARTIRAM 67 E SÓ CHEGARAM 38. PARABÉNS, MUITOS VALOROSOS E DIGNOS. DARÃO O VOSSO VALOR E ESPÍRITO DE LUTA. ESTAS IMAGENS RECOR-



1—Dias Santos, ladeado por Fernando Moreira de Sá e Luciano Moreira de Sá. Aos dois primeiros já colados como estradistas de grande classe, juntou-se agora o último, que após ter panho com brilho o Campeonato Nacional de Fundo, provou nesta «Volta» (a primeira em que participou) o seu inegável valor, que é muito.

2—Após o triunfo, as aclamações, os abraços, as melhores sorrisos, as prendas... Dias dos Santos, ostenta o valioso troféu oferecido pelo clube — que de soube prestigiar de forma invulgarmente brilhante.

3—A massa compacta do público que se apinhava no Estádio do Lima, saudava entusiasticamente os representantes do Futebol Clube do Porto.

4—Após o contra-relógio, os admiradores do campeão Dias dos Santos, rodeiam-no, dirigem-lhe felicitações, deliravam com a sua proeza... Modesto, sorridente, a todos agradece, comovido.



A equipa do Futebol Clube do Porto, que brilhantemente venceu esta «Volta», escuta entusiásticas e infundáveis ovações no Estádio do Lima.



Os dois irmãos Sás, Fernando e Luciano, respectivamente 2.º e 7.º classificados, abraçam emocionados o «camisola amarela». Foram estes três esportistas que deram o triunfo colectivo ao F. C. Porto. 2 — José Martins, valoroso benfiquista, já vencedor por duas vezes da «Volta», classificou-se este ano em 4.º lugar. 3 — Langarica, o esplândido estradista espanhol que em representação do Académico triunfou com mérito no Prémio da Montanha.



João Rodrigues

Delegado do Futebol Clube do Porto, sempre confiou na vitória de Dias Santos e na da equipa portuense

O delegado do Futebol Clube do Porto José Rodrigues, é um dirigente com bastante «calor» de provas de bicicletas. Conhecedor e dinâmico, dedica-se com o maior entusiasmo ao seu mister, para que nada falte, para que tudo esteja pronto a tempo e horas.

O seu «vício» pelo ciclismo, vem desde 1937, ano em que tomou parte, pela vez primeira, numa corrida, por sinal o «Giro do Minho». Tem participado na volta, com a sua equipa, desde 1939!

Formulámos-lhe uma série de perguntas a que não deixou de responder, com o maior à-vontade e convicção.

— A equipa do Porto, este ano, é melhor do que as outras?

— Em valor, regula, mesmo sem o concurso de Fernando Moreira. Este é inegavelmente um valor e impõe-se aos adversários que o receiam. Mas a sua não participação, em coisa alguma alterou o espírito de equipa, que posso assegurar é esplêndido e, talvez, o mais fraterno e compreensivo de sempre. Um bloco sólido que trabalha em perfeita conjunção de esforços. O plano de conduta a seguir numa tirada é traçado e combinado previamente. Depois é cumprido. Assim se tem feito e continuará fazendo.

— Como aprecia o comportamento dos seus corredores?

— Com verdade e justiça, afirmo que se têm comportado dignamente. Dias Santos é de longe o melhor; depois Fernando Moreira de Sá e, logo a seguir Luciano Sá, que é ainda muito novinho.

— Qual a sua impressão dos outros?

— Entre os portugueses, o melhor, sem hesitação, José Martins. É um homem que sabe correr como poucos. Actua com inteligência, bom senso e cautela. Tático.

Hábil, doseia bem o esforço,

armazenando energias que vêm ao de cima no momento próprio. Dos outros... não vi ainda nada. Quanto aos estrangeiros, Fazio e Langarica, são francamente bons e qualquer deles tem categoria e possibilidades para ganhar. Se tal viesse a verificar-se, o meu vaticínio iria para o primeiro. Serra, Capó e Bermudez, são por igual excelentes ciclistas, mas irregulares, e uma actuação incerta não resulta...

— Sobre a organização que me diz?

— Estou satisfeito. Tudo tem corrido bem. Sou partidário das saídas de manhã e os corredores também. A média obtida é a melhor demonstração do que afirmo. Creio bem que já mais voltaremos às partidas durante o pino do calor. Dirigentes e ciclistas repudiariam sem hesitação uma proposta dessas. Como não há bela sem senão, é pena que o público este ano se tenha alheado um tanto. Há menos entusiasmo, menos vibração!

Mais uma pergunta, a última, disparada à queima roupa:

— É verdade que a equipa não pretende ajudar o camisola amarela?

— Rotundamente mentira — afirmou com energia. A equipa, repito está unida como nunca. Nos outros anos poderia ter sido assim. Este ano não. O que acontece, às vezes, é simples: quando os outros «apertam», os mais fracos, por não puderem acompanhar o andamento, ficam para trás. Confio no triunfo de Dias Santos e na do Futebol Clube do Porto!

Amanhã, no contra-relógio terá ocasião de verificar o comportamento da equipa. Verá como os rapazes se portam com galhardia, formando um todo homogéneo.

TAVARES DA SILVA

Flagrantes

AQUILO QUE SE NÃO PERCEBE...

O mais natural, depois que, francamente, afirmei nada perceber de ciclismo, é que a reincidência no tema me traga dissabores... E que há gente que percebe de tudo, em barba e, se não percebe é como se percebesse.

Não sei de ciclismo — é verdade. E suponho mesmo que muito pouca gente sabe. Aqui por Lisboa faz uma confusão danada o facto de Dias Santos ter andado cerca de mil quilómetros com uma diferença de três minutos sobre o seu mais próximo competidor quando, em uma corrida de automóveis, por exemplo, essa diferença seria extremamente difícil que se mantivesse, pelo menos, durante tanto tempo e em tão grande percurso.

Mas exactamente quando eu congeninava nestas coisas e tive a lembrança — parece que tola! — de pôr estas questões de ciclismo em preto no branco, eis que se disparam lá de Loulé uns tantos heróis da estrada a caminho de Setúbal. Consequência: António Maria que andava perdido lá longe, na classificação, arrancou endiabradamente e chegou quase com meia hora de avanço do camisola amarela.

Como é possível que, andando os ciclistas em luta efectivamente séria, de tudo arrisar, um ciclista tenha cometido tal façanha, a bem dizer, quando quis, e os outros, os que se classificavam de candidatos a vencedores permaneciam indiferentes?

As táticas em ciclismo são uma coisa muito profunda — para os leigos. Acredito. E as explicações surgem de todos os lados, mais explícitas, menos explícitas. Mas é de moer a cabeça a aparente passividade em que os grandes se mantiveram até à Beira Alta — dos tempos antigos da Geografia — sem reacção, sem vida, sem brío desportivo.

A partir de Viseu as coisas alguma coisa mudaram? Escrevo no preciso momento em que Mário Fazio se giudou ao segundo posto e se colocou a dezoito segundos do camisola amarela.

A ebscuzze da vantagem, ia a dizer, o ridículo da vantagem, anuncia-se em maré de definitiva solução, pois Mário Fazio, de sociedade com Langarica, quer atacar forte e feio na tirada que

terminará em Braga e na extensão de quase duzentos e cinquenta quilómetros.

Parece que Dias Santos não é decidido a descer, circunstância que os técnicos apontam como favorável aos desejos do italiano do Sporting.

Poiho estas ideias que, evidentemente, não são minhas, e fico à espera do que vai acontecer...

Mas eu dou sorte: depois que lastimei o pouco brilho da classificação de João Rebelo, eis que o valoroso benfiquista apareceu nos primeiros planos chegando até a ser vedeta na corrida de Loulé para Setúbal. Só os azarres, no final da etapa, impediram o brilho total que a sua magnífica corrida parecia vir a merecer. Agora, já que o Diabo nem sempre está... na estrada, vão ver João Rebelo — e depois me dirão...

OS ITALIANOS E OS FRANCESES

Raramente os franceses e os italianos se deram bem. Circunstâncias que não vêm para o caso mas que são de lastimar, impediram muitas vezes as boas relações entre os naturais dos dois grandes países latinos.

Nas últimas dezenas de anos, a fatalidade conduziu a França e a Itália por caminhos tão irredutíveis, que até o desporto e, especialmente, o ciclismo, veio a sofrer com isso. Na última Volta à França, a equipa italiana desistiu da prova quando um italiano (Magni) se encontrava na posição de guia da classificação e Bartali — o famoso monge-voador — acirrava a batalha desportiva para que fôra convocado. O abandono dos italianos foi um rude golpe no brilho da corrida mas as pessoas sensatas que orientam o ciclismo nos dois países fazem esforços para não deixar alastrar um conflito que meia dúzia de desvaivados possibilitou e queria fazer crescer. Para a reconciliação, está previsto um certame em Paris com a cooperação dos grandes ases do pedal das duas grandes nações. Vamos a ver se os bons propósitos dos dirigentes desportivos conseguirão a concórdia.

M. S.

ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIADADES às 0,30 e 2,15

Grande sucesso do

BALLET MONTENEGRO

Mary Mely — Herm. Goyescas — Adoracion R. ys — Charito Moreno — Perla Levante — Julita Manjon — Mary Arilla — Esperanza Muñoz — Ana Maria

DUAS ORQUESTRAS

Nocturnos e Arcádia

Sucesso clamoroso de

Rosario Guerra



OPERECE UMA LINDA CAMISA DE SEDA AO VENCEDOR DA «XV VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA»

EXECUTA POR MEDIDA

Camisas * Pijamas * Robes

Em todas as camisas feitas por medida oferecemos 1 par de punhos de reserva

Camiseiros
Poço do Borratém, 22 LISBOA telefone 3 1995

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

O regresso dos «Capas Negras» à I Divisão criou-lhes alma nova. Iniciaram o Campeonato a todo o gás. Durante as sete semanas iniciais bateram o pé às melhores equipas. O Benfica, no Campo Grande, não conseguiu melhor do que um empate. A ganhar em «casa» e a empatar fora, a Académica forneceu a nota sensacional da 1.ª etapa do «Nacional» da I Divisão.

Dirigidos tecnicamente por Geucsi Dezso, os futebolistas universitários formaram um conjunto homogêneo, a que não faltava coesão, entusiasmo e boa urdidura de jogo.

A equipa, reforçada com valiosos elementos, e com outros, já antigos na «Briosa» a actuar em bom plano foi até onde humanamente lhe foi possível. A preparação física não era o forte do «conze». O entusiasmo, a energia que a todos galvanizava, supria deficiências, mas o desgaste fatalmente teria que vir ao de cima.

A Académica terminou o Campeonato com certa dificuldade, por todas as razões e mais uma: os exames...

Mas o objectivo dos rapazes fora alcançado. Mais: fora excedido. A Académica não só garantiu a sua permanência na I Divisão, como conseguiu classificar-se na primeira metade da tabela.

OS JOGADORES

Dois jogadores da Académica envergaram a camisola das quinas, na época finda. Foram o guarda-redes Manuel Capela, já «internacional» quando alinhava pelo Belenenses, e o extremo-direito Pacheco Nobre, estreante. Mas dois outros rapazes, pelo que fizeram no «team» da «Briosa», não mereciam menos essa distinção: os dois médios Castela e Azeredo.

Foi nesta parelha que assentou o bom esquema de jogo dos estudantes. Se toda a dificuldade em seleccionar o «conze» nacional fosse a questão dos médios, o problema seria da fartura.

Castela e Azeredo podem fazer o que são capazes Chico Ferreira, Canário, Serafim, Joaquim, etc.

Enquanto o sector defensivo foi reforçado com a inclusão de Curado, a linha avançada recebera o reforço de alguns jovens habilidosos, a enquadrarem com os excelentes pontas que a Académica já possuía: Bentes e Pacheco Nobre.

Uma citação especial a Macedo, esse rapaz de aparência franzina que soube brilhar no ingrato posto de avançado-centro, marcando nada menos de 20 golos, o que lhe valeu a 5.ª classificação na lista dos marcadores.

ESTATÍSTICA

A Académica concorreu na I Divisão desde o primeiro ano, com excepção da época passada. No seu «palmarés» figuram quatro 5.ª lugares (a mais alta classificação), três 6.ª lugares, um 7.ª (no presente torneio), dois 8.ª; dois 9.ª, um 10.ª, um 11.ª e um 14.ª lugar.

Em 278 jogos, obtiveram 80 vitórias, 31 empates e 167 derrotas. Golos: 565 marcados e 887 sofridos.

No último Campeonato, a turma universitária classificou-se em 7.ª lugar, em igualdade de pontos com o Sporting de Braga e Olhanense. Averbou 8 vitórias, 8 empates, 10 derrotas, 56 golos marcados (4.ª classificação neste capítulo) e 57 sofridos (7.ª da classificação).

Os tentos foram marcados por Macedo, 20; Bentes 12; Pacheco Nobre, 10; Garção, Castela e Duarte, 2 cada; Pinho e Leite, um golo.

Como habitualmente, damos a título de curiosidade, as melhores marcas da Académica em cada Campeonato: 1934-35 — 2-1 (Académico); 1935-36 — 3-0 (Caravelinhos); 1936-37 — 3-0 (Leixões); 1937-38 — 5-0 (Académico); 1938-39 — 4-0 (Casa Pia); 1939-40 — 5-0 (V. Setúbal); 1940-41 — 6-0 (Boavista); 1941-42 — 10-1 (Barreirense); 1942-43 — 8-2 (Leixões); 1943-44 — 9-4 e 1944-45 — 5-1 (Salgueiros); 1946-47 — 5-2 (Sanjoanense); 1947-48 — (várias marcas pela tangente); 1948-49 (jogou na II Divisão); 1949-50 — 6-0 e 7-1 (respectivamente contra V. Setúbal e Olhanense).

SPORTING CLUBE DE BRAGA

Ao igualar a classificação do ano passado, o Sporting bracarense não deu a indicação que tinha estagnado.

A equipa nem sempre apresentou o seu melhor. A falta do habilidoso Diamantino, que, com Elói, formava uma «asa» de apreciável categoria, tornou-se sensível.

Outra porva da carreira ascensional do «conze» foi a melhoria do «goal-avarage». Só em golos marcados, obtiveram os bracarenses este ano mais 13 golos. Permita-se-nos a expressão: melhoraram, em média, meio golo por desafio.

Em golos sofridos a melhoria foi apenas de um golo. No pri-

meiro caso, o Sporting de Braga classificou-se no 7.º lugar, com 52 golos marcados. No segundo em 6.º lugar, com 53 golos sofridos. Temos aqui, pois, um saldo negativo de um golo apenas, tal como a Académica. Frize-se que só o Sporting, Benfica, Atlético e F. C. Porto conseguiram mais golos marcados do que sofridos...

O Sporting de Braga não se limitou a igualar a classificação do torneio anterior. Igualou também o número de pontos, de vitórias, derrotas e empates.

Os campeões minhosos averbaram desta vez duas vitórias «fora de casa»: no Estoril, por 2-1, e em Vila Real de Santo António, por 1-0. Mas o seu mais sensacional triunfo foi sem dúvida contra o F. C. Porto, no desafio disputado em Braga. Uma vitória por 6-0 contra tão valeroso adversário, não é comum.

As melhores marcas do Sporting de Braga, nos dois primeiros Campeonatos foram: 1947-48 (11.º classificado) —

7-1 (Lusitano); 5-2 (Estoril); 4-1 (Elvas). 1948-49 — 3-1 (Belenenses e Lusitano).

Nos três Campeonatos da I Divisão em que já participou, o Sporting de Braga disputou 78 desafios, obtendo 28 vitórias, 8 empates e 42 derrotas. Percentagem da pontuação possível: 41%.

No conjunto desses 78 jogos, marcaram 138 golos e sofreram 176, o que dá a média de 1,7-2,3.

Por último, damos os nomes dos marcadores dos golos do Sporting de Braga no Campeonato findo:

Mário, 16; Correia e Cassiano, 7 cada; Daniel, 6; Arias e Diamantino, 5; Elói e Fonseca, 2; Gato (Est.) e Mortágua (Lus.) nas próprias redes.

O avançado-centro Mário, que durante a maior parte da prova, revelou notável regularidade na marcação de bolas, veio a classificar-se em 9.º lugar na tabela geral dos marcadores do «Nacional» de 1949-50.

VASCO C. SANTOS



Sempre bem recebidos...

**ESPUMANTES NATURAIS
CAVES S. JOÃO**

S.V. IRMÃOS UNIDOS, L.^{da}
S. JOÃO - ANADIA - PORTUGAL

DEPOSITO DE TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS Tel | tone: 85
gramas: Tabacaria Painho

António Augusto Painho

APARELHOS DE RÁDIO: LUXOR — R. C. A. — PONTO AZUL — TELEFUNKEN — GENERAL ELECTRIC — A. E. G. — LAMPADAS DE RÁDIO — ISQUEIROS DUNHILL * SPITFIRE * THORENS * ETC. CANETAS: SHEAFFER'S * PARKER * ETC. PIANOS * ORÇÃOS * DISCOS * PAPELARIA * PERFUMARIA * BIJUTERIAS

Agente das Companhias PREVIDENTE e de Seguros MUNDIAL

R. André Albuquerque Ribeira, 37-A, 37-B e R. Pereira de Miranda, 3 — ELVAS

Srs. Automobilistas

CAPAS PARA ESTOFOS

EM FIBRA LACADA, PLASTIC WEAVE E EM SEDA NYLON

Executam-se todos os serviços de estofador e de pintura a preços convulsivos nas secções dirigidas por

Albino José Ferreira

Garage Santa Luzia — Rua D. Estefânia, 111 — Telefones 48280-45277



A ACADEMIA TREINA



PORTO - LISBOA em tiro

Disputou-se a prova de tiro aos pombos e de «skeet» e prancha entre atiradores de Lisboa e do Porto. As espingardas da capital obtiveram duas vitórias contra uma do Porto. A direita a equipa de Lisboa. A esquerda a do Porto.

A VOLTA À FRANÇA

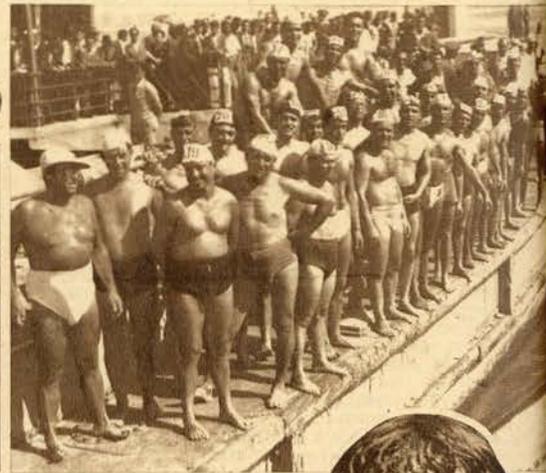


Terminou a «Volta à França», a grande competição de ciclismo internacional. O suíço Ferdinand Kubler foi este ano o vencedor. Vemo-lo, à esquerda, numa das últimas etapas, já com a vitória a sorrir-lhe. À direita um formoso aspecto da corrida, a descida da montanha de Gayolle, a 229 quilómetros de Nice.



Estamos a pouco tempo do início da nova época de futebol. Como todos, os da «Briosas» pensam no futuro campeonato. O nosso fotógrafo foi surpreendê-los em pleno treino. Lá estavam entre outros o Nana, o Curado, os drs. Manuel de Oliveira e Branco e o Eduardo Santos. Fazia-se ginástica e treinos com a bola, como aquele despique de «cabeças» entre Curado e Nana.

NATAÇÃO



Joaquim Baptista Pereira

do ALHANDRA S. C.
vencedor da IX «Pequena Travessia de Lisboa»

ORGANIZADA pelo Clube Sportivo de Pedrouços — agora em festa pela passagem do seu trigésimo primeiro aniversário — disputou-se no último domingo, entre o Terreiro do Paço e Algés, a IX Pequena Travessia de Lisboa que, tal como em anos anteriores, constituiu, acima de tudo, excelente jornada de propaganda.

Na prova de domingo, há, antes de mais, que salientar a excelente corrida do alhandrense Joaquim Baptista Pereira, uma corrida absolutamente à altura do seu nome e da sua classe, bastando afirmar-se que se a meta estivesse colocada em Pedrouços, no lugar habitual, teria caído o velho recorde de Alberto Azinhais dos Santos. A marca obtida — 1 h. 26 m. 47 s. — indiscutivelmente valiosa demonstra bem o andamento

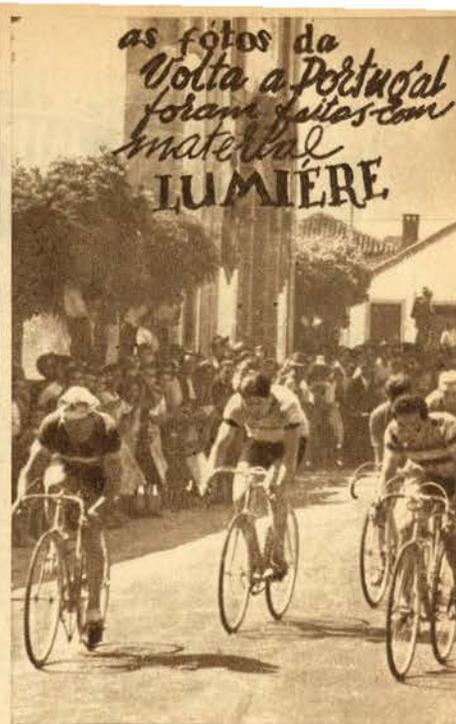
(Continua na pág. 14)



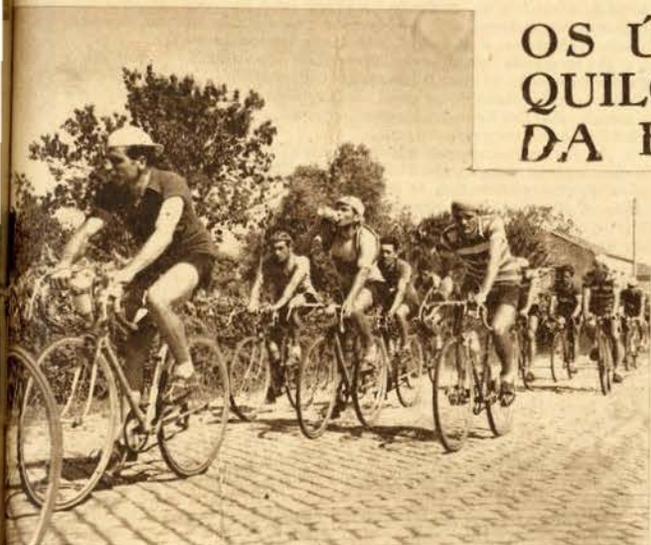
1 — Na travessia de Lisboa tomaram parte dois veteranos e uma senhora, ela Regina Denis Mendes, do Algés, eles António Palo, do Algés e Alves Miguel, do Pedrouços.
2 — A benemérita Cruz Vermelha tem aparecido nas provas do rio. A bordo de uma lancha monta uma ambulância enquanto que por terra uma auto-maca segue o caminho.
— Os três primeiros da travessia: Baptista Pereira, do Alhandra, Joffre de Carvalho, também alhandrense e Oscar Cabral, que foi 3.º, do Algés e Dafundo.
Em cima os concorrentes à travessia.



Foi já nas últimas etapas, a caminho de Guimarães. A estrada, encharcada de sol, foi pisada rapidamente pelos corredores. O povo grita com alegria o nome dos campeões.



Na estrada ou atravessando cidades, vilas e deias, os corredores pedalam sempre com vigor. José Martins e Langarica animam esta fase.

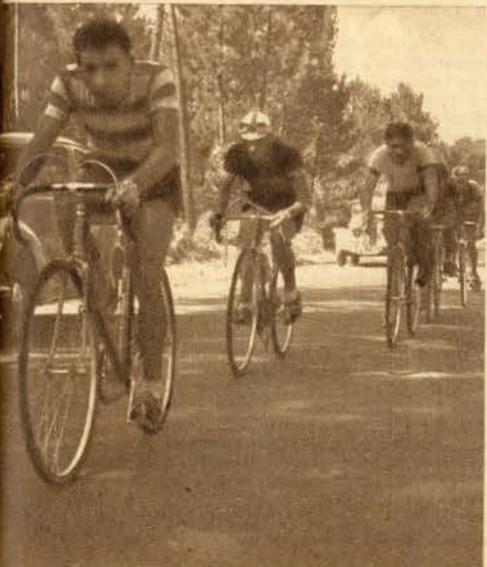


OS ÚLTIMOS QUILÓMETROS DA ESTRADA

Tréguas! O pelotão abranda à marcha. É altura de se refrescarem as guelas. O «camisola amarela» lá vai atento...



Rebello vai bem lançado... Outros lhe vão no encalço, abrangidos pela vertigem da velocidade.



É uma estrada com benfazejas árvores, lá nas terras do Norte. A pedalada é suave. Fazzio e Rebello tomaram os primeiros lugares.



Langarica, o vencedor do prémio da montanha, focado no momento em que caminhava para a última contagem.



Em boa corrida os ciclistas atravessam S. João da Madeira. Como sempre lá estava o público a vitoriar os seus ídolos.

A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

Atletismo

As competições de desportos atléticos atingem a fase culminante, à medida que os campeonatos da Europa se aproximam.

Correndo em Turku (Finlândia) o famoso checo Emilio Zatopek melhorou o recorde mundial dos 10 quilómetros, gastando 29 m. 2,6 segundos, façanha verdadeiramente de estarrecer. A primeira légua foi percorrida em 14 m. 37 seg.; a segunda em 14 m. 25,6 seg. e este primeiro revela que Zatopek partiu lentamente, podendo ter feito, ainda, melhor resultado, abaixo dos 28 minutos!

Em segunda posição classificou-se o finlandês Ulkonen, com a óptima marcação de 29 m. 55,8 seg.

Outro resultado, digno de registo, é o tempo do checo Cevona, afastado das provas desde há alguns meses. Venceu os 1.500 metros em 3 m. 51,4 seg. demonstrando fortes possibilidades de figurar entre os finalistas do campeonato europeu.

Os campeonatos nacionais da Suécia revelaram que o atletismo marca um compasso de espera naquele admirável país.

Evidentemente que o nível dos resultados manteve-se elevado, em determinadas provas: noutras, porém, baixou sensivelmente.

Strand venceu os 1.500 em 3 m. 47,2 seg. e Soderberg fez 9 minutos exactos na corrida de 3 quilómetros com obstáculos. Estas foram as proezas salientes, como dignos de relevo são os tempos de Bengtsson, nos 800 (1 m. 51,3 seb.), de Ingvar Eriksson, nos 1.500 (3 m. 47,2 seg.) classificado atrás de Strand por um escasso peito, de Bertil Karlsson na légua (14 m. 31,6 seg.) etc.

Larsson, vencedor dos 400 m. barreiras, cortou o fio de chegada depois de 53,2 seg., precedendo Ylander de três décimos. O salto em comprimento (6,95), os 100 e 200 metros (11 e 22 seg.) ficaram abaixo de reputação do atletismo dos países nórdicos.

Boxe

Subito no tropico dos «minimos» um novo campeão. Dado Marino, veterano jogador filipino-havaiano. O combate do antigo titular, Terry Allen, com o sucessor, efectuou-se em Honolulu, e concluiu pela vitória do jogador asiático, por pontos, em 15 assaltos.

Guilherme Martins, que se tornou ídolo da colonia portuguesa de S. Paulo e Rio de Janeiro, obteve novo êxito, ao ganhar, por Knockout, ao pugilista carioca «Pinga-Fogos».

Martins despachou o brasileiro ao 2.º assalto.

Em Scranton, Willie Pep derrotou por pontos (19 rounds) o pugilista Proctor Heindol e anunciou-se que a desforra entre o campeão dos «semi-leves» e Sandy Saddler foi adiada para 8 do próximo mês.

Em Schenectady (Estado de Nova Iorque), Joey Taylor foi declarado vencedor de Joey de John, por pontos, em 10 rounds.

Em Melbourne (Austrália) Key Brown venceu o belga Joris, pondo-o fora de combate no decurso do 7.º assalto. Também, na mesma cidade, o francês André Famechon, que estivera fora da actividade por ter caído de uma motocicleta, encontrou a derrota frente a Mickey Tollis, de Victória.

Tollis revelou-se muito superior ao europeu, em particular durante o 7.º assalto. Durante este período, Famechon recebeu um ferimento no olho esquerdo e a luta foi suspensa.

Luis de Santiago, campeão de Espanha de «semi-leves» perdeu com Raymond Famechon, irmão do precedente, por Knockout no 3.º assalto. Estava em litigio o campeonato da Europa, de que o vencedor é proprietário.

No mesmo espectáculo, Luis Romero, titular europeu de «leivissimos» foi batido por um negro de nacionalidade inglesa, mas devemos acrescentar que entrou, no rectângulo, doente e impossibilitado de defender a sua reputação.

NOTA DA SEMANA

A PROXIMA-SE a data dos campeonatos da Europa de atletismo, que deverão discutir-se em Bruxelas entre os participantes de várias nacionalidades do velho e aguerrido continente.

Trata-se do mais importante torneio da clássica modalidade, legada pelos gregos às gerações modernas, cuja beleza vive aliada a métodos simples e intuitivos. Mas, se os habitantes da Hélade transmitiram aos vindouros a forma e o espectáculo não souberam, estes últimos, assimilar a essência fundamental. Os campeonatos de agora tendem, com força irresistível, a transformar-se em displays do mais exacerbado partidarismo e são processos, um tanto ou quanto velados, de agulatar capacidades e promover discordâncias de belicismo futuro.

Na Grécia Antiga aproveitavam-se os jogos para apaziguar as gentes, pondo um cunho de sincera confraternização nas cerimónias preparatórias. Era uma quadra simbólica, cheia de espiritualidade. Os Deuses presidiam com generosa honra, recebendo oferendas e ouvindo preces, que retribuam generosamente, depois, enriquecendo as colheitas ou afastando o perigo dos bárbaros.

Importava menos vencer que comparecer. Onde espartanos e atenienses, bêbectos e fôcos se encontravam, reinava a concórdia. A matéria fazia sentir-se menos que a presença espiritual.

Bem sabemos, a diferença dos tempos de hoje e de antanho. A evolução, todavia, parece-nos de retrocesso e não vão sendo poucos nem pobres os paladinos da supressão, pura e simples, das lutas atléticas internacionais.

As massas populares têm sido conduzidas por uma vereda errada. Onde a derrota ou a vitória se identifica com orgulho patriótico está deturpada a causa do desporto e nasce, daí, subrepticamente, a crença de uma falsa inferioridade ou superioridade.

As cerimónias preambulares dos jogos olímpicos e europeus deviam ser preenchidas, em cada país, por manifestações de confraternização geral que esclarecessem as multidões. É possível encontrar contraditores a este propósito ou haver cépticos, rindo da ideia. Não importa, nem isso influi na essência do problema.

Venham os campeonatos da Europa e que eles sejam, acima de tudo, uma prova de comunhão e entendimento, reunindo no mesmo amplexo, vencedores e vencidos.

A Travessia do Tejo

(Continuação da pág. 13)

rápido e uniformemente cadenciado imposto por Baptista Pereira, que lhe permitiu iniciar bemgo sobre o seu mania próximo competidor — o seu companheiro de clube, Jofre de Carvalho, creditado de 1 h. 39 m. 53 s..

Depois dos fortes nadadores alhandrenses, um nome nos surge em honroso terceiro lugar: Oscar Cabral, que se soube impor muito bemgo, na altura própria, a Manuel Pinhão. Com êxito, o nadador do Algués, cobrindo o percurso em 1 h. 31 m. 27 s., realizou uma das melhores provas da sua carreira, e Manuel Pinhão não lhe ficou longe, com 1 h. 31 m. 40 s..

João Pereira Bastos — com prova meritória — encerrou o grupo mais destacado, com 1 h. 33 m. 5 s..

Aliás, numa prova dura como a Pequena Travessia de Lisboa, com seus 9.000 metros de percurso e a sempre difícil e extenuante passagem da Torre de Belém, todos os nadadores que se concluíam merecem, sem favor, os melhores aplausos. Todos deram, na realidade, o melhor do seu esforço, numa corrida que, por particularmente difícil, forçou a desistência mais de metade dos concorrentes que alinharam à partida.

Vejamos, pois, os restantes concorrentes:

- Adriano Rodrigues (Algués), 1 h. 39 m. 9 s.
- Manuel Natividade Silva (Algués), 1 h. 40 m. 12 s.
- Cristiano Luz (Pedrouços), 1 h. 46 m. 2 s.
- Humberto Azevedo (Belenseses), 1 h. 47 m. 4 s.
- Vitor Franco (Belenseses), 1 h. 47 m. 5 s.
- Regina Diniz Mendes (Algués), 1 h. 48 m. 11 s.
- Ricardo Diniz Mendes (Belenseses), 1 h. 52 m. 25 s.
- Armando Figueiredo (Belenseses), 1 h. 56 m. 54 s..

Saliente-se como é de justiça o magnífico esforço desenvolvido por Regina Diniz Mendes, bem como o belo exemplo fornecido pelo veterano Luis Alves Miguel que, correndo «por fora», cobriu a distância em 1 h. 53 m. 21 s., patentesando belo espírito desportivo.

Campeonato Regional de Saltos

No estádio náutico do Sport Algés e Dafundo, disputou-se no domingo de manhã, organizado pela Associação de Natação de Lisboa, o campeonato regional de saltos, nas categorias de «fracos», «médios» e «fortes», o qual forneceu os seguintes resultados:

Fracos — 1.º e único, Custódio Pinto Ribeiro (Algués), 58 pontos.

Médios — 1.º e único, Horácio Godinho Mendes (Algués), 92,2 pontos.

Fortes — 1.º Leodoro José Patrício (Algués), 163,4 pontos; 2.º, dr. Manuel Martins (Algués), 188,4 pontos.

Fernando Madeira, e o seu novo recorde dos 1.000 metros

Nova tentativa de Fernando Madeira — e novo e retumbante êxito.

O recorde atinado desta vez foi o dos 1.000 metros. Percorrendo a distância em 14 m. 08,4 s., Fernando Madeira apoderou-se, simultaneamente, do recorde de juniores e absoluto.

O de juniores pertencia a Jeremias da Ponte Simão (Estoril), estava em 15 m. 21,2 s., e havia sido estabelecido na piscina da Granja, em 13 de Setembro de 1946.

O absoluto era pertença do nadador alhandrense Joaquim Baptista Pereira, estava em 14 m. 34 s., marca obtida em Palma de Maiorca, em 28 de Agosto de 1948.

Saliente-se, no entanto, que na passagem aos 800 metros — com o tempo de 11 m. 19 s. — Fernando Madeira estabeleceu novos recordes de juniores e absoluto desta distância. Estes recordes pertenciam-lhe, desde 27 do mês findo, com a marca de 11 m. 21,2 s..

Bater quatro recordes simultaneamente — além de proeza inédita na natação portuguesa — dispensa, na sua eloquência, mais comentários.

ABREU TORRES

O sulco Kubler conquistou a terceira vitória, como corredor de bicicleta, especialista de longo curso. Depois do Giro de Itália e do Circuito da Suíça, o-fo que triunfa no Tour de France, igualando as façanhas anteriores dos ases excepcionais.

Nada valem a belgas e franceses. Supomos (mas é só suposição) que as forças italianas teriam sucumbido, repetindo-se o malogro da Volta de Itália, pois Kubler venceu por mérito próprio e desbaratou todos os concorrentes e coligações.

Parece-nos que o ciclismo está perdendo a antiga exuberância e que as provas por «tradição» já viveram a sua época áurea. Seria um fenómeno no admissível, produto da influência do progresso mecânico do automóvel e da aviação.

Antigamente, os concorrentes à Volta à França batiam-se quase sózinhos, sem ajudantes nem estado-maiores. Hoje, a organização das falanges é um problema metucioso e essencial.

Haverá maiores dificuldades em vencer, todavia a exponencialidade de outros tempos e a simplicidade do duelo, mereciam melhores aplausos.

Um grande velopedista talvez ganhasse o primeiro posto, mas, nos dias de agora, o que prima é a organização particular de cada equipa com os recursos técnicos préviamente elaborados.

UM jornal do país vizinho, que, por sinal, tem cometido alguns deslizes do mesmo teor, descobriu a vitória de um nadador coxo sobre o famoso Alex Jany, campeão europeu de velocidade no elemento liquido.

De facto, Alex Jany foi batido por Bouteux, seu rival, na corrida de 400 metros, celebrada em Toulouse. Mas, se «bouteux», substantivo comum, significa realmente «coxo» e mesmo não acontece com o apelido igual, que é intraduzível e não designa nenhuma espécie de insuficiência orgânica.

Por outro lado, como poderá um nadador, cujos membros inferiores dispõem de menos capacidade, ganhar a um vigoroso e notável ás, da carreira de Alex Jany? Ainda se admite essa possibilidade numa prova de resistência mas em corridas curtas seria extremamente duvidosa.

Portanto, amigo leitor, há que distinguir: O coxo vitorioso só coxeia no nome, a não ser que elaudique levemente quanto a noticia transpõe as fronteiras.

RAFAEL BARRADAS

A festa de homenagem a MANUEL MARQUES

MANUEL MARQUES, que se popularizou como jogador de futebol do Sporting, — o único clube que representou, vai ter no dia 5 de Outubro a sua merecida festa de homenagem. Atleta correcto e apumado, é um exemplo das virtudes que devem exornar todos os desportistas e um símbolo de fidelidade clubista. O seu nome não deixará de ser recordado com muita saudade, preito justissimo a quem se impôs como um dos valores reais do desporto português.

O programa constará de dois desafios: Belenenses-Atlético e Sporting-Benfica e os preços dos bilhetes serão os habituais, isto é, bancada central 30\$00; lateral, 20\$00 e peão 10\$00.

A Comissão executiva, composta por Fernando Seromenho, Francisco Silva, César Vitorino, Fernando Vaz, Isaac Sequerra, António Cerqueira, Carlos Canário, Octávio Barrosa e Alvaro Cardoso, tem em vista propor aos quatro clubes que intervêm no festival, seja reduzido ao mínimo o número de substituições.

Já se encontram constituídas as Comissões de Honra e de Propaganda. A primeira, que será presidida pelo Ex.^{mo} Director Geral dos Desportos, é formada pelo cap. António Cardoso, Prof. Eng.^o André Navarro, dr. Campos Figueira, Acácio Rosa, drs. Mário Madeira e Ribeiro Ferreira e Jaime Franco e Francisco Mega. A segunda, por Cândido de Oliveira, dr. Tavares da Silva, Raúl de Oliveira, ten-cor. Ribeiro dos Reis, Ricardo Ornelas, Manuel Mota, Mário Cilia, António Sequerra, Mário Simas, Alberto de Freitas, Alves dos Santos, Alves Teixeira, Rodrigues Teles, em representação dos seus jornais e Quádrios Raposo, Lança Moreira, Cabral Rocha e Botelho Moniz, pelas estações emissoras de Rádio.

Stadium que está representada na Comissão, pelo nosso camarada prof. Pitta Castelejo, publicará no próximo mês, algumas passagens da carreira desportiva de Manuel Marques (Manecas).

NA CAPITAL DO NORTE ...TAMBÉM HÁ CAPACIDADE ORGANIZADORA!

TERMINOU a Volta a Portugal. Há poucos dias ainda que chegaram ao Estádio do Lima os gigantes da estrada, esses valorosos ciclistas que, depois de terem percorrido quase três mil quilómetros, em luta por vezes épica, souberam cumprir dignamente o seu dever de atletas.

A capital do Norte, que os vira partir, preparou-lhes recepção apoteótica, numa iniludível demonstração de quanto o desporto velocipedico é querido dos portuenses.

1950 ficou assinalado como o terceiro ano, e o segundo consecutivo, em que a maior prova de ciclismo do calendário nacional teve o seu início e fim nesta cidade, e serviu, ainda, para assinalar a capacidade, organizadora da capital nortenha.

Das catorze voltas que já se haviam realizado, se a XIV deixou tristes recordações em todo o país, bem pode dizer-se que a deste ano sobrelevou, sob todos os pontos de vista, tanto no capítulo organizador como disciplinar, todas as restantes — servindo também como resgate dos erros cometidos na de 1949, erros devidos mais à falta de experiência, em provas de tanta envergadura, que à carência de técnicos capazes.

Não há dúvida nenhuma que, vista sob qualquer dos aspectos, a XV Volta a Portugal alcançou êxito retumbante. Todos os elementos oficiais da caravana (dirigentes, jornalistas e atletas) foram unânimes em afirmar a sua inteira satisfação pela boa ordem que a tudo presidiu. Nem mesmo o já célebre «caso Ruiz» pôde empanar o brilhantismo ou ofuscar a beleza com que a prova terminou!

Deste modo, é de inteira justiça felicitar a entidade organizadora da Volta a Portugal de 1950, como será de aplaudir toda e qualquer tentativa que se faça no sentido de que, no próximo ano, seja reeditado tudo aquilo que este ano se fez.

A Volta conquistou o Porto — mas o Porto também conquistou a Volta. E daqui não há que fugir: — Na capital do Norte também há capacidade organizadora!

JOAQUIM FARIA

Uma Comissão Administrativa orientará o F. C. do Porto

A assembleia geral, que estava convocada para a eleição dos corpos gerentes do F. C. do Porto, serviu, afinal, para dar conhecimento aos associados deste clube de que, por despacho do sr. Subsecretário da Educação Nacional, teria de ser eleita uma comissão administrativa, em conformidade com os estatutos da colectividade.

Assim, e dependentemente de aceitar o convite que lhes vai ser dirigido, foram logo indicados os elementos que irão constituir a referida Comissão Administrativa, os quais serão eleitos em próxima assembléa geral.

São os seguintes, os escolhidos, cujos nomes foram aclamados: dr. Urgel Horta, dr. Moreira de Sousa, Joaquim Eloi da Silva, Amadeu Arroio, Ivo de Araújo, Alberto Costa Ruela e J. Carvalho Pinto de Freitas.

Duas Demissões na Associação de Ciclismo do Norte

VOLTOU a crise directiva à Associação de Ciclismo do Norte. Já se demitiu o vice-presidente, sr. dr. Mário Martins Lopes, e, ao que sabemos, também o presidente, sr. Eloi da Silva, abandonará o seu cargo.

A demissão do primeiro filla-se no facto de não lhe ter sido dado conhecimento prévio das reuniões que a Associação promoveu (e das quais só teve conhecimento pelos jornais...) para tratar da inscrição de Bernardo Ruiz, corredor espanhol que, em representação do Académico Futebol Clube, alinhou na Volta a Portugal e mais tarde foi eliminado da mesma por ordem da Direcção Geral dos Desportos. Quanto ao sr. Eloi da Silva, o seu abandono baseia-se em este conhecido desportista ir fazer parte da Comissão Administrativa do F. C. do Porto.

Ainda a propósito de Bernardo Ruiz, como alguns directores da Associação de Ciclismo do Norte assinaram um documento — exceptuando o presidente e vice-presidente — em que garantem ao júri da prova a boa ordem em que se encontrava aquele corredor para poder alinhar, a Federação Portuguesa de Ciclismo ordenou um inquérito aos actos da Associação de Ciclismo do Norte.

Mário Fazzio

(Conclusão da pág. 5)

doméstico, que o ajuda e actua de acordo com as necessidades. Não interessa que venha a decair, depois do esforço que lhe é exigido em determinado momento, ou que acabe a prova com uma ou duas horas de atraso. Estes homens são de uma utilidade enorme e auferem excelentes remunerações. As casas que os têm, não os deixam fugir. No vosso país, classificam este critério, lógico dentro do espírito profissional, de indignidade...

Continuando, afirmou:

— Gosto das tiradas com partida a horas matinais, porque são benéficas. Todavia, devo dizer-lhe que um corredor estrangeiro «polido» (de categoria) não tomaria parte na Volta a Portugal, por causa das estradas... que não poupam os ciclistas, antes os «arrazam» ingloriamente.

— A sua opinião sobre a equipa leonina é, concerteza...

— Os corredores do Sporting, são como os outros, — interrompeu. Distingo, porém, Bermudez, Mourão e Rola. Dos não portugueses, Langarica e Serra têm boa categoria. Tive vontade de ganhar a Volta mas não me foi possível. Dias Santos não me larga, está sempre vigilante... Os espanhóis do Académico são, de facto, bons e correm com inteligência e é com inteligência que se ganham as corridas. Dias Santos, é dos poucos que se sabe servir, maravilhosamente, desta «arma».

— Mas a Volta ainda não acabou, — atalhámos.

Fazzio, fitou-nos e disse-nos:

— Dias Santos, será o grande vencedor. Só um golpe de infelicidade poderá fazê-lo perder a camisola amarela. Reconheço o seu valor e não me envergonho por ter sido batido por tão digno adversário.

— Recordações, Fazzio...

— Boas, as do ano passado na Volta a Itália, em que consegui envergar a camisola amarela durante quatro etapas. Quando chove, sinto-me outro homem. Tenho predilecção pelas corridas debaixo de chuva, e também pelas descidas íngremes... que me fascinam. Em 1948 durante o Paris-Brest, consegui um honroso terceiro lugar, a 40 s. do vencedor, mas tive o triunfo à vista. Se não tenho partido um travão a três quilómetros da meta... Durante dois dias e duas noites choveu a bom chover. Andei maravilhosamente... estava no meu elemento. O primeiro foi Hedrick e o 2.^o, Neville.

Depois, num desabafo:

— Para se correr em condições são precisas boas máquinas e óptimo material. As vossas bicicletas e material são simplesmente mediocres, por falta de fábricas especializadas.

E a concluir:

— Verifico que todos os corredores estão, presentemente, abusando da «dinamite», isto é, de pastilhas excitantes, que ingerem antes da partida para a etapa. Mau sintoma... Fico em Portugal até meados de Outubro. Conto disputar em 23 desse mês o «Giro da Lombardia».

TAVARES DA SILVA

JOÃO DAMIÃO

REPARAÇÕES E PINTURAS À PISTOLA E ACESSÓRIOS

R. Alexandre Herculano, 301 VISEU

CASA DOS OVOS MOLES

Maria da Encarnação Mourão, Suc.^{ta} CONCEIÇÃO MARIA DOS ANJOS
Casa dos Ovos Moles e outros doces de ovos. Mexilhão e engulos de escabeche

Casa fundada à 100 anos
Telefone 103
Rua Coimbra, 5 e 7 AVEIRO

CONFETARIA PEIXINHO

Maria A. Peixinho, Sobrinha

SUGGESSORA

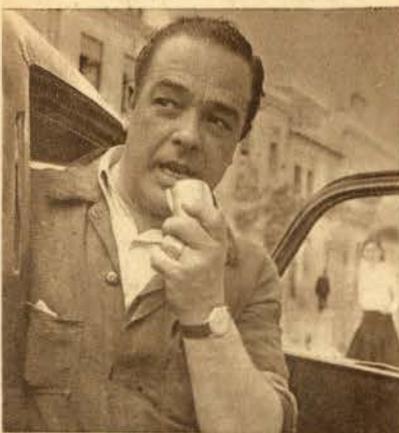
Costeira AVEIRO

TODOS TOMAM OVOMALTINE



A regata Lisboa-Faro, ganha pelo iate «Vendaval» foi uma prova difícil, durante a qual os nossos velejadores demonstraram a sua competência e saber. O nosso cliché foca o momento em que os iates largavam do Tejo

UMA FIGURA DA “VOLTA”



Alegre, simpático, comunicativo, Oscar de Lemos, foi uma figura que encheu a caravana desta 15.ª «Volta a Portugal». As suas comunicações pelo carro do som, os seus conselhos, as suas piadas, conquistaram tudo e todos que à volta da VOLTA giravam.

O CARRO DA “STADIUM”



Éis o estupendo AUSTIN que nos levou através as terras de Portugal, permitindo-nos estar a tempo e horas em todos os locais, não renunciando uma só vez ao que dele exigíamos. Trepou à montanha, sem desfalecimentos, correu veloz pelas estradas, foi seguro nas descidas, e tudo isto sem nos dar um desgosto, uma arreia. O AUSTIN grande companheiro e grande amigo.



A V. A. P., a grande organização, que distribui os motores para bicicletas enviou à «Volta» um carro de apoio utilizado nos serviços de ligação da caravana. E todo o Portugal ficou sabendo que para bicicletas os únicos motores aconselháveis são os da V. A. P.



O vinho «Casal Garcia» fez a sua aparição na «Volta» e foi saudado com entusiasmo. Fresco, agradável, bem apaladado, eis alguns dos seus muitos predicados. Gulosamente todos o querem

OVOMALTINE, reconstituente poderoso e alimento magnífico, foi o amigo inseparável dos homens da «Volta». Antes do início das etapas ou ao terminar a jornada, OVOMALTINE lá estava — amigo indispensável — deliciando corredores e acompanhantes. Fica-se-lhe devendo, durante estes longos dias que durou a grande corrida, favores inextinguíveis.

E todos desceavam o saboroso reconfortante. Vejamos nestes instantâneos: Dois Gas Santos, antes de iniciar as etapas bebem sempre um copo do saboroso líquido. A seguir: Mário Fazio sorve apaixonadamente um copo de OVOMALTINE. E o polista de trânsito, a brigada que acompanha a «Volta», também não dispensam a excelente bebida.

Os representantes do OVOMALTINE foram a Coimbra visitar os jogadores do Académico em treino e... todos beberam delicioso e agradável alimento.

Eis alguns momentos da Juri recheado com satisfação justificada um pouco de OVOMALTINE. Repare-se no sorriso de Oscar de Lemos...

